



GUERRA

Ataque com 26 mísseis e 597 drones mata ao menos seis pessoas e deixa dezenas de feridos. De acordo com o Kremlin, os alvos eram instalações militares. Zelensky cobra ações imediatas do Ocidente e reforço na defesa aérea ucraniana

Rússia lança mais de 620 artefatos contra Ucrânia

A Rússia intensificou sua ofensiva contra a Ucrânia e lançou, ontem, mais de 620 artefatos, entre mísseis e drones, em uma das maiores ondas de bombardeios dos últimos meses. As investidas atingiram diversas regiões do país, incluindo áreas longe da linha de frente, e deixaram pelo menos seis mortos e dezenas de feridos, segundo autoridades locais.

O presidente Volodymyr Zelensky afirmou que as forças russas dispararam 26 mísseis de cruzeiro e 597 drones de ataque. De acordo com a Força Aérea ucraniana, 25 mísseis e 319 drones foram interceptados. Ainda assim, um míssil e cerca de vinte drones atingiram cinco locais. Detalhes não foram divulgados pelo comando aéreo.

Embora as regiões leste e sul sejam as mais afetadas pelos combates, o oeste ucraniano foi um dos principais alvos dos ataques desta vez. Em Chernivtsi, cidade ocidental que raramente sofre bombardeios, dois civis morreram e vinte ficaram feridos, conforme informou Zelensky. Em Lviv, também no oeste, ao menos 12 pessoas ficaram feridas, entre elas uma criança de 11 anos, segundo a administração local.

No nordeste, três pessoas ficaram feridas em Kharkiv, e outras duas morreram na região central, em Dnipropetrovsk. Já na cidade de Sumy, no noroeste, a Promotora local relatou que duas bombas aéreas guiadas atingiram residências civis, provocando mais duas mortes.

O Ministério da Defesa russo declarou que os alvos dos bombardeios incluíam instalações do setor militar-industrial nas cidades de Lviv, Kharkiv e Lutsk, além de um aeródromo militar. Segundo comunicado oficial, "todos os alvos designados foram destruídos".

Em território russo, na região de Belgorod, um drone atingiu um centro esportivo onde ocorria uma aula, de acordo com o governador Vyacheslav Gladkov. Ele afirmou que não houve vítimas nesse ataque, mas relatou que um homem morreu após outra ofensiva atingir uma casa na cidade de Shebekino, próxima à fronteira.

Apelo aos aliados

Diante da nova escalada, Zelensky voltou a pressionar os aliados ocidentais por ações mais contundentes. "O ritmo dos

bombardeios russos exige decisões rápidas e pode ser contido agora por meio de sanções", declarou. O presidente ucraniano cobrou punições a quem colabora com a produção de drones russos ou lucra com a venda de petróleo, recurso essencial para a economia de Moscou. Embora a União Europeia tenha proibido a importação de petróleo russo, a compra de gás ainda continua.

Zelensky também renovou os apelos por reforço nas defesas aéreas. Os ataques ocorreram logo após os Estados Unidos reafirmarem apoio ao país. Segundo o líder ucraniano, o presidente Donald Trump comunicou a ele, na quinta-feira, "datas específicas" para o envio de novas armas.

Trump afirmou que poderá fazer "uma declaração importante sobre a Rússia" amanhã. Ele expressou "decepção" com Vladimir Putin, com quem mantém contatos desde que retornou à Casa Branca em janeiro. Apesar da pressão de aliados, inclusive dentro do próprio partido, o presidente norte-americano resiste a impor novas sanções contra Moscou, alegando que ainda há espaço para negociações diplomáticas.

AFP



Ao menos 12 pessoas ficaram feridas no ataque que atingiu a cidade de Lviv, segundo a administração local

AFP



Palestinos fazem fila para retirar um saco de farinha em armazém da ONU

Impasse trava trégua em Gaza

Israel e o Hamas trocaram acusações, ontem, pelo impasse nas negociações de cessar-fogo em Gaza, onde mais de 38 palestinos morreram em novos ataques israelenses, segundo a Defesa Civil do território. As conversas entre as partes começaram no domingo passado, em Doha, no Catar, com a mediação de Estados Unidos, Egito e Catar, mas enfrentam obstáculos que têm impedido avanços.

As negociações visam alcançar uma trégua no conflito iniciado em 7 de outubro de 2023, quando o Hamas lançou um ataque contra Israel. Como parte do possível acordo, 10 reféns capturados naquele dia poderiam ser libertados em troca de um cessar-fogo de 60 dias.

No entanto, uma fonte palestina informou à AFP que os diálogos esbarram em "obstáculos e

dificuldades complexas", principalmente pela recusa de Israel em retirar suas forças do território. Segundo essa fonte, os israelenses insistem em manter tropas em mais de 40% da Faixa de Gaza, região onde vivem mais de 2 milhões de pessoas e que está devastada após mais de nove meses de guerra.

Um dirigente político israelense rebateu, acusando o Hamas de se recusar a fazer concessões e de adotar uma "guerra psicológica" para atrapalhar as tratativas. Para ele, o movimento islamista tenta sabotar as negociações por meio da pressão pública.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, reafirmou que os objetivos da guerra em Gaza são libertar reféns, eliminar o Hamas e expulsá-lo do território. Ele

condiciona um cessar-fogo permanente ao desarmamento do grupo e à sua retirada do governo de Gaza.

Apesar do impasse, houve avanços em pontos como ajuda humanitária e troca de reféns por prisioneiros. Dos 251 sequestrados em 7 de outubro de 2023, 49 permanecem em Gaza, sendo 27 considerados mortos.

Crise humanitária

Enquanto a diplomacia patina, a situação humanitária piora. Em declaração conjunta divulgada ontem, sete agências da ONU alertaram que os estoques de combustível em Gaza chegaram a níveis críticos. A falta pode agravar ainda mais as condições de vida da população. As organizações afirmam que a escassez representa "uma

nova carga insuportável para uma população à beira da inanição".

No território, os bombardeios continuam. De acordo com a Defesa Civil de Gaza, ao menos 38 pessoas morreram, ontem, em ataques israelenses. Entre as vítimas estão um homem, sua esposa e o filho do casal, atingidos durante a noite em uma barraca no campo de deslocados de Deir al-Balah, no centro de Gaza, segundo o porta-voz dos socorristas, Mahmoud Basal.

Ao fim do dia, o Exército israelense disse ter atacado "mais de 35 alvos terroristas", entre eles um túnel do Hamas, nos arredores de Beit Hanun, no norte de Gaza. A operação integra a ofensiva iniciada após o ataque do Hamas a Israel, há mais de nove meses, e que já causou destruição generalizada no território palestino.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

AS BRUXAS EXISTEM

A máxima da cultura espanhola *no creo en brujas, pero que las hay, las hay* anuncia que a passagem da barbárie à civilização é um longo processo povoado de fantasmas.

Um dos mais originais e criativos intelectuais nos EUA foi Mancur Olson, conhecido por suas perspectivas conservadoras. Olson era, ao mesmo tempo, economista e cientista político. Um de seus argumentos mais pujantes é o que sustenta que a origem do Estado remonta à atuação do crime organizado.

Para Olson, o Estado se estabelece a fim de extrair tributos e obediência de uma população em troca de proteção e alguma ordem, nada mais sendo, portanto, do que um "bandido estacionário", o qual, num processo evolutivo,

vem para substituir os diversos "bandidos errantes" que incomodavam a região.

Segundo Olson, enquanto os bandidos errantes têm apenas o incentivo de saquear, extorquir e destruir — já que não possuem nenhum pertencimento ou compromisso duradouro com aquela população —, os bandidos estacionários, embora possam começar como tiranos, tendem a evoluir até alcançar formas mais sofisticadas de organização política, como é o caso das próprias democracias liberais.

Ainda que seja uma visão meio sombria do que vem a ser o Estado e sirva como advertência sobre um Estado que se imiscui demais na vida da população, a lógica de Olson é fundamental para nos alertar sobre o mundo de perigos

muito maiores e piores representado pelos inúmeros bandidos errantes que existem por aí.

Na teoria de Olson, a condição básica para a existência dos bandidos errantes é a situação de anarquia. Pois bem, é justamente a anarquia que o Estado, com o Estado de Direito, vem para substituir. Ora, mas qualquer um que estudar os princípios básicos das Relações Internacionais saberá que a teoria mais influente, sobretudo pela perspectiva da chamada escola Realista é a de que vivemos num mundo anárquico, porque de fato não existe um governo global e os organismos multilaterais, como a ONU e a OMC, têm capacidade de atuação muito limitada.

Sendo assim, atores de outros países podem ter incentivos para atuar como bandidos errantes para cima de Estados mal guardados. E não custa lembrar que, ao longo da história, são vários os casos de nações que caem porque

um ou alguns dos seus se prestam a abrir a porta para bandidos errantes, sejam eles Estados estrangeiros ou outras formas de organização forasteira.

Toda essa formulação de Olson pode acabar soando meio ultrapassada em meio ao curso cotidiano das sociedades democráticas modernas, mas seus insights básicos voltam a ter valor atualmente. Ainda mais quando coincide com um momento de revisão ampla dos impostos que sustentam as funções do Estado e as discussões necessárias sobre anseios de justiça social, além daquelas sobre o que se espera que o Estado entregue em retorno para a sociedade. No plano internacional, o fato se vê com a retomada do uso das tarifas alfandegárias como forma de se fazer política industrial, quanto política confrontacional, sancionatória e empobrecedora de vizinhos.

Em tal contexto, é relevante

lembrar que o Estado surge para exercer variadas funções governamentais necessárias para a proteção da sociedade em troca de impostos e obediência negociada. Essa negociação se institucionaliza por meio de uma constituição e diversas leis complementares que asseguram direitos às pessoas de cada país. No nosso caso atual, por exemplo, os diversos grupos sociais negociam sob ritos e práticas democráticas, estabelecidas por maioria.

O trabalho de Olson sobre bandidos estacionários versus bandidos errantes delinea, assim, um caminho de progresso civilizacional, que culmina, idealmente, na democracia. Essa, ao se tornar mais representativa e ao transferir o poder para aqueles que expressam a vontade popular, melhora os incentivos para um governo eficaz e que promova o bem-estar social como um todo.

É o grau de civilidade que estabelece se será necessário a caça aos bandidos errantes, sempre que tentarem atuar dentro da jurisdição nacional. Por fim, "não creio em bruxas, mas que existem, existem" do dito espanhol lembra que muitas "caça às bruxas" são criações de "bruxas", ou fantasmas de bruxas. Ou ainda, na tradição anglo-saxã, não esqueçamos que sempre aparecem por aí personagens análogos a Lady Macbeth — as quais, ainda que multifacetadas, merecem sim, de um ponto de vista do dano que causam ou buscam causar às suas sociedades, ser julgadas. Enquanto sua culpa não a consome, o desfecho trágico que é pessoal, no caso da peça de Shakespeare, fica socializado com todos por conta da fraqueza das instituições de Estado frente à força dos sedentos por poder.

PAULO DELGADO é sociólogo